

## UMA REFLEXÃO SOBRE A ALEGORIA DO SEMEADOR A REFLECTION ON THE ALLEGORY OF THE SOWER

SANTOS, Aires de Sousa<sup>1</sup>

### Resumo

Niklas Luhmann, sociólogo alemão, aborda o processo ensino-aprendizagem como um sistema social autônomo baseado na comunicação. Aplicando a metodologia alegórica analítica, a parábola do sementeiro, presente nos evangelhos sinóticos, é utilizada como metáfora crítica do sistema educacional. A semente lançada em diferentes solos representa os desafios enfrentados por educadores e educandos no processo de interação e desenvolvimento do conhecimento. O texto explora o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem e diferentes abordagens pedagógicas, relacionando-as à parábola. São discutidas a teoria interacionista e a teoria comportamentalista. A gestão do processo de aprendizagem é abordada, destacando a necessidade de adequação das práticas educacionais aos diferentes “solos” ou perfis dos aprendizes. O estudo conclui que a compreensão sistêmica e a aplicação de metáforas oferecem reflexões valiosas para aprimorar a educação e promover o desenvolvimento do conhecimento.

**Palavras-chave:** ensino-aprendizagem; sistema social; interação pedagógica.

### A REFLECTION ON THE ALLEGORY OF THE SOWER

#### Abstract

Niklas Luhmann, a German sociologist, approaches the teaching-learning process as an autonomous social system based on communication. Applying the allegorical-analytical methodology, the parable of the sower, present in the synoptic gospels, is used as a critical metaphor for the educational system. The seed sown on different types of soil represents the challenges faced by educators and learners in the process of interaction and knowledge development. The text explores the role of the teacher in teaching-learning and various pedagogical approaches, relating them to the parable. The interactionist theory and the behaviorist theory are discussed. The management of the learning process is addressed, highlighting the need to adapt educational practices to different “soils” or learner profiles. The study concludes that systemic understanding and the application of metaphors provide valuable insights for improving education and promoting knowledge development.

**Keywords:** teaching-learning; social system; pedagogical interaction.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo parte de uma *metodologia alegórica analítica* (Ricoeur 1994), entendida como uma abordagem que utiliza a alegoria como ferramenta para explorar e compreender fenômenos complexos, ideias ou narrativas. Ela é aplicada nas áreas de educação, filosofia e ciências sociais, permitindo uma análise mais profunda de conceitos abstratos por meio de representações simbólicas.

---

<sup>1</sup> Doutorado em processo de convalidação em Ciências da Educação pela Universidade do Estado do Pará – Uepa. Professor substituto na Universidade Estadual do Maranhão – Uema – *Campus Balsas*, Balsas, MA. ayresousa700@gmail.com Orcid:<https://orcid.org/0000-0002-0592-4961>

A metodologia alegórica analítica é uma abordagem poderosa que, ao unir alegoria e análise crítica, possibilita uma compreensão mais rica e multidimensional de ideias e fenômenos. Essa metodologia não apenas facilita a compreensão, mas também enriquece o diálogo e a reflexão sobre as questões complexas que permeiam a educação e a sociedade. O desenvolvimento do método para ter sucesso implica capacidade de quem aplica e de quem vai receber as informações, isto é, do incentivo e da motivação.

Há diversas teorias que contribuem e permitem uma reflexão sobre a parábola do semeador. Aqui o objetivo está voltado para o processo ensino-aprendizagem. Nesse sentido, serão analisados os diversos tipos de terreno em que a semente é lançada.

A relação interdisciplinar exige do professor diversas competências e habilidades para desenvolver o processo de ensino-aprendizagem, que, por sua vez, exige esforço, responsabilidade e cooperação entre os principais representantes do sistema educacional. Quando muitos dos agentes do sistema educacional não desempenham o seu papel, tem-se uma irritação sistêmica que sobrecarrega o pedagogo na tarefa de semear. Sendo assim, surgem os seguintes questionamentos: Como podemos distribuir as responsabilidades na preparação do terreno para semear a semente do conhecimento e analisar os diferentes perfis de alunos em que as sementes do conhecimento caem? A quem compete a preparação dos diferentes tipos de semeadoras? E como deve ser uma terra boa em que a semente será lançada? Com base na parábola do semeador, como transformar diferentes tipos de solos em terreno propício para semear a semente do conhecimento?

Para analisar o texto a seguir faremos uso da metodologia alegórica e uma análise crítico literal, relacionando o texto com algumas teorias psicopedagógicas que orientam a prática educacional. Nesse sentido, o presente artigo parte da seguinte hipótese: O processo ensino-aprendizagem é uma batalha em que os principais agentes do processo são responsáveis por combater a ignorância, a falta de conhecimento e o *déficit* educacional de forma sistêmica e organizada, por meio de recursos e estratégias que atendam às necessidades individuais e coletivas dos atores sociais presentes nesse processo.

## **1 O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DE FORMA SISTÊMICA**

Niklas Luhmann (2002), sociólogo alemão e teórico da comunicação sistêmica, oferece uma perspectiva complexa e inovadora sobre o processo de ensino-aprendizagem

ao considerar a educação um sistema social autônomo que opera por meio da comunicação. Para Luhmann (2002) a comunicação não é uma simples transmissão de informações; é um processo em que sentido e compreensão são construídos dentro de sistemas diferenciados e autossuficientes, como o educacional.

No contexto do ensino-aprendizagem, o professor e os alunos interagem em um sistema que possui sua própria lógica, códigos e expectativas. De acordo com Luhmann (2002), o aprendizado não ocorre apenas pela transferência de conhecimento do professor para o aluno, mas é o resultado de uma série de comunicações que geram significados compartilhados e promovem a construção de conhecimento. O professor, nesse caso, não é apenas um transmissor de conteúdo, mas um mediador de sentidos que busca engajar os alunos em uma comunicação significativa, em que eles possam construir ativamente o próprio saber.

O sistema educacional, segundo Luhmann (2002), utiliza um “código binário” para operar. Esse código simplifica a complexidade do mundo externo em termos de “conhecimento” e “não conhecimento”, facilitando a distinção entre o que é considerado válido no processo de ensino e o que ainda precisa ser aprendido. Esse processo ajuda a criar uma estrutura estável para o aprendizado, no qual o aluno identifica, por meio da comunicação, o que é necessário internalizar para se desenvolver dentro do sistema educacional.

Porém, para que, de fato, a aprendizagem ocorra, porém, é necessário que haja uma acoplagem estrutural entre o sistema de comunicação do professor e a compreensão do aluno. Luhmann (2002) sugere que a comunicação educativa precisa reconhecer a complexidade da realidade dos alunos e traduzir o conteúdo em formas acessíveis a eles. Ou seja, o professor deve ser capaz de adaptar sua abordagem pedagógica de maneira que os alunos possam interpretar e internalizar o conteúdo de forma relevante e significativa.

Em última análise, a teoria de Luhmann (2002) leva-nos a ver o processo de ensino e aprendizagem como uma dinâmica complexa e recursiva, em que professor e alunos operam em um ciclo contínuo de *feedbacks*. Este processo de comunicação sistêmica é fundamental para garantir que o conhecimento seja compreendido e apropriado pelo aluno, fortalecendo o objetivo da educação como um sistema que busca a formação do indivíduo dentro de um conjunto compartilhado de valores, conhecimentos e habilidades.

## 1.1 A parábola do semeador no processo ensino-aprendizagem

A metodologia alegórica analítica será aplicada na parábola a seguir, procurando fazer uma análise crítica do sistema ensino-aprendizagem. Vejamos o texto com suas principais figuras (Mc 4.1-9; Lc 8.4-8), o texto faz parte do sinóticos porque apresentam uma narrativa semelhante sobre a vida, ministério, morte e ressurreição de Jesus, com muitos episódios, ensinamentos e até expressões em comum, à parábola do Semeador, além de Marcos 4.1-9, encontra-se ainda em Lucas 8.4-8, Mateus 13.1-9.

<sup>13</sup>Naquele mesmo dia Jesus saiu de casa e se sentou à beira do lago. <sup>2</sup>Uma grande multidão se juntou ao seu redor. Havia tanta gente que Jesus entrou num barco e se sentou; e toda a multidão permanecia de pé na praia. <sup>3</sup>Jesus lhes ensinou muitas coisas por meio de parábolas. Ele dizia: Certo homem saiu para semear. <sup>4</sup>Enquanto semeava, uma parte das sementes caiu à beira do caminho e os pássaros vieram e as comeram. <sup>5</sup>Outra parte caiu no meio de pedras, onde havia pouca terra. Essas sementes brotaram depressa pois a terra não era funda, <sup>6</sup>mas, quando o sol apareceu, elas secaram, pois não tinham raízes. <sup>7</sup>Outra parte das sementes caiu no meio de espinhos, os quais cresceram e as sufocaram. <sup>8</sup>Uma outra parte ainda caiu em terra boa e deu frutos, produzindo trinta, sessenta e até mesmo cem vezes mais do que tinha sido plantado. <sup>9</sup>Quem pode ouvir, ouça.

A partir da citação vamos problematizar (conceito baseado na pedagogia de Paulo Freire (1995)) a parábola para dar uma nuance pedagógica que contribui para que o processo de aprender se fundamente nesta narrativa bíblica.

### 1.1.1 Problematização do papel do pedagogo

A parábola do semeador, presente nos evangelhos sinóticos, é uma metáfora poderosa que pode ser aplicada em diversas formas de conhecimento e a diferentes situações, inclusive no contexto pedagógico. A parábola é uma alegoria que lança luzes significativas no processo ensino-aprendizagem. A semente lançada em distintos tipos de

solos simboliza diferentes dramas vivenciados, tanto pelos educadores quanto pelos educandos. Ambos, de modos diversos, buscam convergir em uma mesma direção de interação e de desenvolvimento do conhecimento.

Uma das tarefas mais importantes da prática educativa crítica é propiciar as condições em que os educandos, em suas relações uns com os outros e com os educadores, assumam-se como sujeitos da construção e reconstrução do saber ensinado, ao lado dos educadores, igualmente sujeitos do processo (Freire, 2000, p. 73).

No contexto educacional os educadores podem ver-se como “semeadores”, lançando conhecimento e informações no processo de aprendizado no “solo” dos alunos.

Os educadores podem encontrar diferentes tipos de “solos” representados pelos alunos e sua receptividade ou predisposição em aprender. Alguns alunos podem ser receptivos e demonstrar interesse genuíno pelo aprendizado; outros podem ser mais desatentos ou distraídos; e haverá aqueles que resistem ativamente ao processo de aprendizagem.

A parábola inspira educadores a refletir sobre a importância de adequar as práticas pedagógicas a diferentes tipos de solos ou contextos pedagógicos diferenciados. Atender às necessidades individuais dos alunos, buscando despertar o interesse pelo conhecimento e oferecendo suporte adicional aos que enfrentam dificuldades, é um desafio que não compete apenas ao pedagogo, mas a todos os responsáveis pelo processo educacional, seja direta ou indiretamente.

Assim, também acontece no processo de preparação do solo por meio de pesquisa de correção de solo, aplicação de fertilizante, uso de tecnologias que facilitam a semeadura e fiscalização de desenvolvimento da planta, que envolve o controle de pragas etc. Igualmente ocorre no processo educacional formal. Não se pode sobrecarregar o professor no cuidado de várias etapas que não compete a ele individualmente. A família tem o seu papel, e o educando deve entender desde o início os seus deveres como estudante. Quando enfatizamos mais os direitos sem correspondência com os deveres, a pessoa educa-se com irresponsabilidade, exigindo direitos sem compromisso com os deveres.

Por dedução lógica, entende-se que o semeador, enquanto aquele que semeia, ressalta constância e paciência em sua ação pedagógica. O educador semeador parece que se sente feliz pelo trabalho de semear, embora a parábola não descreva os sentimentos e

o desejo do semeador quanto ao resultado da semeadura. O semeador sabe, por meio de informações *a priori*, que nem todos os terrenos são propícios para a semeadura, que nem todas as sementes germinarão, no entanto ele semeia. Tal atitude do semeador pode ser analisada como inconsequente ou de forma inclusiva, tendo em vista que ele oportuniza todo tipo de terreno a germinar conforme suas possibilidades?

“A desesperança é a negação da esperança. [...] Enquanto energia que nos faz lutar, a esperança está necessariamente ligada à prática” (Freire, 1994, p. 8). Essa citação reflete a visão de Freire (1994) sobre a esperança como um valor essencial para a prática pedagógica e a luta por uma educação transformadora. Assim como o semeador persiste na esperança de que algumas sementes germinem e deem frutos, os educadores também devem perseverar em seu papel de semear conhecimento, mesmo diante das dificuldades, portanto, ao aplicar a parábola do semeador na relação pedagógica, os educadores são convidados a refletir sobre a importância da adaptação, da paciência e da esperança no processo de ensino-aprendizagem. Essa abordagem pode contribuir para uma prática pedagógica mais sensível e eficaz.

Na preparação do terreno para semear as sementes do conhecimento, e nesse processo sabe-se que a responsabilidade é compartilhada entre a família, o aluno e o professor, cada um desempenha um papel importante nesse processo, contribuindo de maneira complementar para criar um ambiente propício ao aprendizado.

### **1.1.2 Entendendo a parábola**

Na parábola do semeador Jesus descreve diversos tipos de solo que representam diferentes receptividades às palavras de Deus. Analogamente, podemos aplicar essa ideia ao plantio da semente do conhecimento. Nesse processo há distintos tipos de solo: *solo à beira do caminho (solo duro)*; *solo rochoso*; *solo cheio de espinhos*; *solo bom*. Nesse sentido, indiferente aos tantos tipos de solos, é importante levar em consideração o pensamento de Paulo Freire (1996), que assevera: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (p. 22).

*Solo à beira do caminho (solo duro)* – este solo não foi preparado adequadamente e está compactado. O que fazer? Para prepará-lo para a semente do conhecimento é necessário “quebrar” a dureza por meio da reflexão crítica e da abertura para novas ideias.

O processo de “quebrar” exige técnica e metodologia. Isso pode ser alcançado incentivando o questionamento por intermédio de um debate saudável. A ação de “quebrar” o solo duro é, por outro lado, uma ação de violação de um estado natural do ser. O processo ensino-aprendizagem seria, então, um ato de violação na batalha contra a ignorância e a falta de conhecimento? Sendo assim, é importante estabelecer parâmetros para o processo de intervenção psicopedagógico.

*Solo rochoso* – este solo tem uma camada superficial fina e rochosa, impedindo que as raízes da planta se desenvolvam profundamente. Para preparar este tipo de solo para o conhecimento é importante estimular a construção de bases sólidas de entendimento. Isso envolve fornecer informações básicas antes de introduzir conceitos mais complexos.

*Solo cheio de espinhos* – neste tipo de solo os espinhos competem com a planta por nutrientes e luz. Para preparar esse solo para a semente do conhecimento é necessário remover os “*espinhos*” que representam distrações e preocupações que podem impedir o aprendizado. Isso pode incluir desenvolver habilidades e competências de gerenciamento de tempo e foco.

*Solo bom* – este solo é fértil e bem preparado, permitindo que a semente cresça e dê frutos. Para manter esse solo preparado para o conhecimento é essencial continuar cultivando uma mentalidade de aprendizado contínuo. Isso pode ser feito mediante leitura regular, participação em discussões educativas e aplicação prática do que é aprendido. Assim, preparar os diferentes tipos de “*solo*” para a semente do conhecimento envolve adaptar a abordagem de ensino e aprendizagem de acordo com as necessidades individuais e as condições mentais dos estudantes, garantindo que eles estejam receptivos e prontos para absorver novos conhecimentos de maneira eficaz.

Nesse sentido, constitui-se um desafio para o educador adequar as diferentes concepções de pensamentos, técnicas e metodologias que atendam às necessidades individuais. Desse modo, o processo ensino-aprendizagem continua sendo um ideal a ser perseguido na construção e desenvolvimento de métodos e técnicas inclusivas que vai além da determinação legal da participação em sala de aula.

### **1.1.3 Corresponsabilidade no processo de semear**

Em termos de responsabilidades, como podemos distribuí-las na preparação do terreno para semear a semente do conhecimento sem agredir, ferir ou traumatizar? A família foi, e continua sendo, a instituição social que tem a responsabilidade de criar um ambiente de receptividade, acolhimento e valorização da educação. Ela é responsável por estimular a curiosidade e o interesse pelo conhecimento. Isso pode envolver o estímulo à leitura, conversas sobre temas variados e apoio emocional. O acompanhamento sistemático passa pelo incentivo à participação do aluno em atividades educacionais extracurriculares.

O aluno também tem sua parcela de responsabilidade na preparação do terreno. Estudar é trabalho. Como tornar o trabalho uma atividade prazerosa? Ele deve demonstrar interesse, dedicação e disciplina em relação aos estudos, buscando participar ativamente das aulas, realizar as tarefas propostas e esclarecer dúvidas quando necessário. O gerenciamento do tempo subjetivo e do tempo cronológico é fundamental para o processo de gerenciamento de si mesmo.

Por fim, o professor desempenha um papel fundamental na preparação do terreno para semear as sementes do conhecimento, mas não somente ele. O professor está numa condição semântica de semeador. As fases de preparação do terreno envolvem várias técnicas e recursos para tornar o solo favorável ao processo de semeadura. Cabe, pois, ao professor, o esforço de criar um ambiente de aprendizado acolhedor, estimulante e desafiador, porém é impossível manipular e gerenciar variáveis condicionantes que estão fora do seu controle, como a predisposição pessoal, as condições físicas do ambiente e a estrutura familiar e social de que o aluno faz parte.

Dentre as responsabilidades do professor estão planejar aulas interessantes e relevantes, identificar as necessidades individuais dos alunos, oferecer suporte personalizado e promover uma atmosfera de respeito e colaboração em sala de aula. A responsabilidade pela preparação do terreno para semear as sementes do conhecimento, no entanto, é compartilhada entre família, aluno, professor e sociedade como um todo. O engajamento e a colaboração de todos são essenciais para criar as condições ideais para o “florescimento” do aprendizado. Um aprendizado numa “[...] dimensão do aprender criticamente requer a compreensão da realidade, do mundo por meio das relações sociais, o que torna os homens e mulheres sujeitos históricos e sociais, capazes de agir nessa

---

realidade [...]” ( Moutinho; Costa; Linhares, 2024 p. 8), construindo um mundo humano e humanizador.

## **2 DIFERENTES PERFIS DOS SOLOS DA APRENDIZAGEM**

A parábola do semeador apresenta três perfis diferentes do processo de semeadura. A seguir analisar-se-á o perfil à beira do caminho, o perfil pedregoso, o perfil espinhoso e o perfil da terra boa. Tais analogias são comparadas às diversas estruturas de pensamento, isto é, personalidades caracterizadas por personalidades marcadas por diversas experiências e vivências que precisam ser ressignificadas no processo de ensino-aprendizagem.

### **2.1 O perfil à beira do caminho**

Como podemos criar um perfil do aluno em que as sementes caem à beira do caminho? A semente que não se desenvolve é comida pelos pássaros? As “pedras” que dificultam o enraizamento do conhecimento e das informações para esse aluno podem incluir diversos fatores, tais como: falta de resiliência; resistência à mudança; pouca capacidade de adaptação; baixa autoestima.

A resiliência no processo de ensino-aprendizagem envolve a capacidade dos alunos de enfrentar, superar e se adaptar a adversidades, transformando dificuldades em oportunidades de crescimento e desenvolvimento. Esse processo é facilitado pelo educador, que deve promover um ambiente de suporte emocional e estimular a autoconfiança e a perseverança nos alunos (Cyrulnik, 2009, p. 33).

*Falta ou pouca resiliência* do aluno mostra-se na dificuldade em lidar com frustrações e contratempos, desistindo rapidamente diante de desafios acadêmicos. Isso reflete na *resistência à mudança* observada na pouca receptividade às novas ideias e métodos de ensino ou perspectivas, o que dificulta a assimilação de novos conhecimentos. Outro aspecto não menos irrelevantes é a *pouca capacidade de adaptação*, ou seja, dificuldade em se ajustar aos diferentes contextos e situações de aprendizado, limitando sua capacidade de absorver e aplicar o conhecimento de maneira eficaz.

*Baixa autoestima* normalmente está associada a problemas emocionais e insegurança, que podem criar obstáculos para o desenvolvimento do aluno, afetando sua disposição para aprender e sua confiança em suas capacidades.

*Falta de suporte* – a ausência de um ambiente propício ao aprendizado, seja em casa ou na escola, também pode representar uma “pedra” no caminho desse aluno, dificultando seu enraizamento no conhecimento.

Diante desses obstáculos, é importante que educadores, família e profissionais da área da educação estejam atentos a essas questões para oferecer suporte personalizado ao aluno. Estratégias pedagógicas adaptadas, apoio emocional e incentivo ao desenvolvimento da resiliência pode contribuir significativamente para ajudar esse aluno a superar as “pedras” que impedem seu enraizamento no conhecimento.

## 2.2 O perfil pedregoso

Como é o perfil do aluno em que a semente cai entre as pedras? Quais as pedras que dificultam o enraizamento das informações, do conhecimento, na mente? O perfil do aluno, comparado à semente lançada entre os espinhos na parábola do semeador, pode estar associado a obstáculos que sufocam o desenvolvimento do conhecimento e do desenvolvimento cognitivo da criança e do adolescente.

O processo de ensino-aprendizagem, muitas vezes, encontra “terrenos pedregosos” que dificultam o florescimento do conhecimento. Esses obstáculos podem ser condições socioeconômicas, emocionais ou contextuais adversas que impactam diretamente a aprendizagem. Cabe ao educador reconhecer esses desafios e adaptar suas práticas para que, mesmo em solos áridos, o aluno possa desenvolver suas potencialidades (Freire, 1987, p. 82).

Este aluno pode “apresentar” características como distração, falta de foco, desorganização, dificuldade em lidar com pressões externas e internas, além de possíveis questões emocionais.

## 2.3 O perfil espinhoso

Os “espinhos” que podem dificultar o desenvolvimento do conhecimento e do desenvolvimento cognitivo da criança e do adolescente podem incluir diversos fatores,

tais como: distrações externas e internas; sobrecarga de atividades; problemas emocionais; falta de suporte emocional.

O “*descolamento longo*” é um descolamento mental descrito na filosofia clínica como uma espécie de deslocamento da atenção cognitiva de um ponto para outro. Esse descolamento pode acontecer por distrações externas e internas: “O deslocamento longo permite ao partilhante afastar-se o suficiente de sua circunstância para que possa reavaliá-la com novos parâmetros, compreendendo aspectos antes invisíveis de sua própria estrutura de pensamento (Packter, 2009, p. 132).

O aluno pode ser facilmente distraído por estímulos externos, como dispositivos eletrônicos, barulhos ou movimentações, assim como por preocupações internas, como ansiedade, problemas familiares ou questões emocionais. Essa “*intencionalidade*” pode ser induzida de forma involuntária, mas também de forma sistematizada. “A intencionalidade é o modo como a pessoa direciona seu mundo interno e externo, guiando-se por valores, projetos e significados que constituem sua forma singular de existir” (Packter, 2009, p. 89).

Por outro lado, a sobrecarga de atividades, expressa no excesso de compromissos, tarefas ou responsabilidades, pode sobrecarregar o aluno, impedindo-o de se dedicar plenamente ao aprendizado e ao desenvolvimento cognitivo. Para Piaget (1896-1980), o desenvolvimento cognitivo é o processo de aquisição de conhecimentos, habilidades e atitudes que ocorrem ao longo da vida e permitem ao indivíduo adaptar-se de forma mais eficaz ao seu ambiente. Este desenvolvimento implica não apenas a acumulação de informações, mas também a capacidade de reorganizar e compreender o mundo de maneiras novas e complexas (Piaget, 1971, p. 29-45). Desse modo, a pressão social gera expectativas externas, competições desleais, assim como as situações de *bullying* podem criar um ambiente hostil que sufoca o desenvolvimento saudável do aluno.

O bullying envolve um comportamento agressivo repetido e intencional, dirigido contra um indivíduo que tem dificuldade em se defender. Esse fenômeno não se limita a ataques físicos, mas inclui também agressões verbais e psicológicas, que podem ter efeitos duradouros na saúde mental e no desenvolvimento emocional das vítimas (Olweus, 1993, p. 9).

De outra forma, os problemas emocionais podem levantar questões relacionadas à saúde mental, como ansiedade, depressão ou estresse crônico; podem atuar como “espinhos” que interferem na capacidade do aluno de absorver e processar conhecimento de forma adequada. Quando o aluno não tem suporte emocional, acompanhado da

ausência de um ambiente acolhedor tanto em casa quanto na escola, pode ter dificuldade no desenvolvimento cognitivo e emocional saudável.

Diante desses desafios, é essencial que educadores, família e profissionais da área da saúde mental estejam atentos a essas questões para oferecer suporte personalizado ao aluno. Estratégias que promovam a concentração, a gestão emocional e a redução da sobrecarga, podem ser fundamentais para ajudar esse aluno a superar os “espinhos” que sufocam seu desenvolvimento cognitivo e emocional.

## 2.4 O perfil da terra boa

Como traçar o perfil da terra boa em que a semente é lançada? O perfil do aluno que representa a “terra boa” na parábola do semeador é aquele que demonstra receptividade ao conhecimento, capacidade de absorção, interesse genuíno pelo aprendizado e disposição para crescer e desenvolver suas competências e habilidades. O aluno pode apresentar características como: curiosidade, motivação intrínseca, dedicação aos estudos, habilidade de aplicar o conhecimento adquirido e resiliência diante dos desafios.

Por outro lado, o aluno que representa a “terra boa” pode também demonstrar *abertura para novas ideias*, isto é, estar disposto a considerar diferentes perspectivas, questionar, explorar e aprender com experiências diversas.

Resiliência é a capacidade de um indivíduo de superar adversidades, adaptando-se positivamente às circunstâncias difíceis e aprendendo com elas. Ela envolve tanto fatores internos, como habilidades de enfrentamento, quanto fatores externos, como o suporte social. Trata-se de um processo de crescimento e fortalecimento, que permite transformar desafios em oportunidades de desenvolvimento pessoal (Rutter, 1987, p. 316).

*Autonomia e responsabilidade* apresentam-se ao assumir responsabilidade pelo próprio aprendizado, buscando recursos, pedindo ajuda quando necessário e gerenciando seu tempo de estudo de forma eficaz.

*Capacidade de relacionamento interpessoal* mostra-se no trabalho em equipe e na capacidade de comunicar-se de forma eficaz, colaborando com os colegas no processo de aprendizado. Isso contribui para o desenvolvimento da *resiliência* e da *perseverança* ao lidar com os desafios da aprendizagem de forma construtiva, superando obstáculos e

mantendo o foco nos objetivos educacionais, ajudando na *autoconfiança* ao acreditar em suas capacidades e estar aberto a enfrentar novos desafios com determinação e otimismo.

Em suma, o estudante que representa a “terra boa” na parábola do semeador é aquele que possui as características necessárias para receber, cultivar e multiplicar o conhecimento de maneira produtiva. Este perfil de aluno está mais propenso a alcançar sucesso acadêmico, desenvolver habilidades cognitivas sólidas e contribuir de forma significativa para seu próprio crescimento educacional e pessoal.

### **3 O MÉTODO DO SEMEADOR**

O processo de semear semente na terra implica ação metodológica e a terra que será semeada. Assim, como podemos desenvolver uma metodologia que atinja diferentes tipos de terreno? Para alcançar os diversos tipos de “terrenos” representados pelos alunos é fundamental adotar um método de ensino que seja flexível, inclusivo e adaptável, o que não exclui uma abordagem pedagógica que considera as diferentes necessidades e estilos de aprendizagem, além de características individuais dos alunos, proporcionando um ambiente propício para o desenvolvimento educacional e pessoal de cada um.

Algumas estratégias que podem ser adotadas para atender aos diferentes tipos de “terrenos” representados pelos alunos incluem:

- *Diferenciação pedagógica*: a consciência de adaptação do ensino para atender às necessidades específicas de cada aluno, oferecendo materiais, atividades e avaliações que considerem as diferenças individuais.
- *A utilização de múltiplas inteligências* passa pelo reconhecimento e estímulo das diversas habilidades e inteligências dos alunos, permitindo que expressem seu conhecimento de maneiras variadas.
- *Aprendizagem cooperativa*: promoção do trabalho em grupo, estimulando a colaboração entre os alunos e criando oportunidades para que se apoiem mutuamente.
- *Uso de tecnologia educacional*: integração de recursos tecnológicos no processo de ensino-aprendizagem, permitindo maior personalização e acesso a diferentes formas de conteúdo educativo.

- *Inclusão de atividades práticas*: oferta de experiências de aprendizagem concretas e contextualizadas que possibilitem a aplicação do conhecimento em situações do cotidiano.
- *Atenção à saúde emocional*: consideração das necessidades emocionais dos alunos, promovendo um ambiente seguro e acolhedor que favoreça o bem-estar emocional e social.

Ao adotar uma metodologia inclusiva e adaptável os educadores podem contribuir para que cada aluno tenha a oportunidade de desenvolver seu potencial ao máximo, independentemente das características individuais que representam seus “terrenos”. Essa abordagem visa a garantir que todos os alunos tenham acesso a uma educação significativa e equitativa, contribuindo para o crescimento integral e o sucesso acadêmico de cada um.

### **3.1 O papel do professor no processo ensino-aprendizagem**

No contexto de ensino-aprendizagem o professor desempenha um papel crucial, atuando como o semeador que lança as sementes do conhecimento no solo da inteligência do aluno. Nesse sentido, o docente precisa estar atento às necessidades individuais dos alunos, adaptando sua abordagem pedagógica e utilizando métodos de ensino que sejam eficazes para cada contexto.

Não resta dúvida que para preparar uma terra boa e fértil, propícia para o crescimento das sementes, o professor tem um papel importante; ele pode introduzir suas ações nas seguintes direções: proporcionar ou criar um ambiente educacional estimulante; promover, incentivar e encorajar a participação ativa dos alunos; desenvolver a curiosidade e a criatividade, oferecendo um *feedback* construtivo; cultivar um relacionamento de confiança com os alunos; incentivar a autonomia e o desenvolvimento integral.

Dessa forma, ao lançar as sementes do conhecimento em “terra boa”, ou seja, ao proporcionar um ambiente educacional favorável e uma abordagem pedagógica eficaz, o professor contribui significativamente para que os alunos possam absorver o conhecimento de forma profunda e significativa, gerando frutos em sua vida.

### 3.2. O semear e a terra a ser semeada

O desenvolvimento do método, para ter sucesso, implica a capacidade de quem aplica e de quem vai receber as informações, isto é, do incentivo e da motivação. O processo de incentivar e motivar os alunos está intrinsecamente relacionado ao desenvolvimento metodológico da aprendizagem, uma vez que a motivação é um dos principais impulsionadores do engajamento e do sucesso dos estudantes. Para estabelecer essa relação de forma eficaz é importante considerar algumas estratégias que podem ser incorporadas ao processo. De acordo com a análise de algumas literaturas, pode ser destacada, entre elas, a contextualização do conteúdo que, por sua vez, relaciona-se com as situações do cotidiano dos alunos, mostrando sua relevância e aplicabilidade prática. Isto pode influenciar ou mesmo aumentar a motivação para aprender.

A variedade de tarefas contribui para sair da rotina e oferecer uma gama diversificada de atividades que atendam a diferentes estilos de aprendizagem e interesses individuais que podem manter os alunos engajados e motivados. Essa atitude do profissional contribui para o *feedback construtivo*, à medida que o desempenho dos alunos, destacando seus pontos fortes e oferecendo orientações para melhorias, pode estimular a motivação para alcançar metas acadêmicas.

Para tanto, é possível estabelecer metas alcançáveis que possam orientar e auxiliar os alunos na definição de objetivos realistas e tangíveis, promovendo um senso de propósito e direção em seu processo de aprendizagem, desenvolvendo e promovendo a autonomia. Por meio dela os alunos ganham confiança e têm voz ativa em seu próprio processo de aprendizagem, tomando decisões e participando da definição de objetivos, o que pode aumentar sua motivação intrínseca.

Com base na teoria comportamental, o reconhecimento e as recompensas fazem parte do processo de valorar o esforço e as conquistas dos alunos por meio de reconhecimento público, elogios e recompensas tangíveis ou simbólicas que podem estimular a motivação para o aprendizado. “O reconhecimento e a recompensa são fundamentais para a manutenção da motivação e do engajamento dos colaboradores, sendo essenciais para a retenção de talentos” (Chiavenato, 2014, p. 217).

Assim sendo, ao integrar essas diferentes estratégias ao processo metodológico da aprendizagem, os educadores podem contribuir significativamente para o desenvolvimento da motivação dos alunos, promovendo um ambiente propício para o engajamento, a persistência e o sucesso acadêmico. A relação entre incentivo, motivação e processo metodológico é fundamental para criar uma experiência educativa enriquecedora e estimulante para os estudantes.

### **3.3 ABORDAGENS PEDAGÓGICAS E A PARÁBOLA DO SEMEADOR**

Podemos utilizar diversos referenciais teóricos para fundamentar a relação entre a alegoria da parábola do semeador e o processo de ensino-aprendizagem. Uma abordagem interessante seria a teoria sociocultural de Lev Vygotsky, que enfatiza a importância do ambiente social e cultural no desenvolvimento cognitivo do indivíduo. Segundo Vygotsky (2007), o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores é influenciado pela interação social (p. 56).

De acordo com essa teoria, o aluno aprende por meio da interação com o ambiente e com outras pessoas, como os educadores e os colegas. Nesse sentido, a parábola do semeador poderia ser relacionada à influência do ambiente educacional na receptividade do aluno ao conhecimento.

Outro referencial teórico relevante seria a teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel (1968), que destaca a importância da conexão do novo conhecimento com a estrutura cognitiva prévia do aluno. A parábola poderia ser associada à necessidade de preparar “o solo” da inteligência do aluno para que o conhecimento possa ser recebido, compreendido e integrado de forma significativa.

Além disso, a pedagogia crítica de Paulo Freire oferece uma perspectiva interessante ao enfatizar a importância da conscientização, da reflexão crítica e da autonomia do aluno no processo de ensino-aprendizagem. Essa abordagem poderia ser relacionada à necessidade de preparar um solo fértil para o conhecimento por meio da conscientização e da reflexão sobre as condições sociais, culturais e individuais dos alunos.

#### **3.3.1 A teoria interacionista**

A teoria interacionista enfatiza a importância das interações sociais e da linguagem na construção do conhecimento. Ela pode ser relacionada aos diferentes tipos de solo da parábola do semeador no contexto do processo de ensino-aprendizagem em relação aos diversos tipos de solo mencionados na parábola (caminho, pedregoso, espinhoso e bom). Podemos associar cada tipo de solo às experiências e interações sociais que os alunos vivenciam. Por exemplo, o solo representado pelo caminho pode simbolizar alunos que tiveram poucas oportunidades de interação significativa com o conhecimento, enquanto o solo pedregoso pode representar alunos que enfrentam dificuldades em construir relações sólidas com o conteúdo devido a obstáculos externos ou internos.

Vygotsky (2007), um dos principais teóricos dessa abordagem, afirma: “No desenvolvimento cultural da criança, toda função aparece duas vezes: primeiro, no nível social e, mais tarde, no nível individual; primeiro, entre pessoas (interpsicológica) e depois no interior da criança (intrapicológica)” (p. 97).

A aplicação da teoria interacionista pode envolver a criação de ambientes de aprendizagem ricos em interações sociais, discussões significativas e uso efetivo da linguagem para promover a construção ativa do conhecimento. Os educadores podem buscar identificar os diferentes tipos de “solo” presentes entre os alunos, entendendo suas experiências prévias, barreiras individuais e necessidades específicas.

Ao reconhecer a importância das interações sociais e da linguagem na construção do conhecimento, os educadores podem trabalhar para oferecer suporte personalizado, estimular a participação ativa dos alunos e promover um ambiente propício ao crescimento intelectual e emocional. Dessa forma, a teoria interacionista pode ser aplicada para compreender e atender às necessidades individuais dos alunos, contribuindo para um processo de ensino-aprendizagem mais eficaz.

### **3.3.2 Teoria comportamentalista**

A teoria comportamentalista destaca a importância do comportamento observável e mensurável, bem como do condicionamento e reforço para a aprendizagem. Ao relacionar essa teoria à parábola podemos interpretar a semeadura como um tipo de reforço ou estímulo que busca influenciar o comportamento do solo (aluno) em relação

ao conhecimento. Os diferentes tipos de solo na parábola (caminho, pedregoso, espinhoso e bom) podem ser associados aos diversos tipos de respostas ou comportamentos dos alunos diante do conhecimento apresentado. Skinner (1974) discute como o comportamento pode ser moldado por reforços no ambiente educacional, destacando que a aprendizagem é um processo de condicionamento em que o professor pode utilizar reforços positivos para promover comportamentos desejáveis, facilitando a aquisição de novas habilidades e conhecimentos.

Nesse sentido, a parábola do semeador pode ser entendida como uma representação simbólica dos princípios comportamentalistas, em que a qualidade do solo e o resultado da semeadura (crescimento das sementes) estão diretamente ligados aos estímulos e reforços adequados utilizados no processo de ensino.

A aplicação da teoria comportamentalista pode envolver a utilização de estratégias de reforço positivo, modelagem de comportamentos desejados e a identificação de padrões de resposta dos alunos diante do conhecimento. Os educadores podem buscar compreender as necessidades individuais dos alunos e adaptar os estímulos e reforços para promover um aprendizado efetivo.

Dessa forma, ao relacionarmos a alegoria da parábola do semeador com a teoria comportamentalista, destacamos a importância de compreender as relações entre estímulos, comportamentos e reforços no processo de ensino-aprendizagem, buscando promover uma abordagem personalizada que leve em consideração as respostas individuais dos alunos.

### **3.3.3 O processo de aprendizagem pela gestão (PAG)**

O Processo de Aprendizagem pela Gestão (PAG) é amplamente discutido por José Ernesto Lima Gonçalves (2000) em sua obra. Nela o autor fala da gestão do conhecimento na empresa do futuro. “O aprendizado organizacional é resultado da interação de indivíduos que compartilham conhecimentos e criam, de forma coletiva, novas possibilidades de ação e inovação no ambiente corporativo” (Gonçalves, 2000, p. 87). O autor propõe uma abordagem que considera as fases evolutivas do desenvolvimento humano e suas implicações no processo de aprendizagem. Ao relacionar-se o processo de semeadura nos diferentes tipos de solos da parábola do semeador com as fases evolutivas,

---

segundo o PAG, é possível estabelecer conexões entre as características dos solos e as necessidades de aprendizagem em cada fase.

A aprendizagem pela gestão envolve a capacidade de planejar, organizar e avaliar processos educacionais, criando um ambiente que favoreça o desenvolvimento contínuo e colaborativo. A gestão eficiente do processo educativo incentiva a autonomia, a troca de conhecimentos e a construção coletiva do saber (Lück, 2009, p. 45).

Por outro lado, o conceito de “a aprendizagem pela gestão” é bem explorado por autores como Heloisa Lück (2009), que aborda a importância da gestão educacional para a promoção de um ambiente de aprendizado eficaz e participativo, e tem como base a fase do desenvolvimento e a fase sensoriomotora (0-2 anos), descritas por Jean Piaget (1971), que se caracterizam pela exploração do ambiente por meio dos sentidos e da ação, e podemos associar essas fases ao solo representado pelo caminho na parábola. Assim como o solo pisado impede a germinação das sementes, a falta de estímulos adequados pode impactar negativamente a aprendizagem nessas fases.

Na fase pré-operatória (2-7 anos) as crianças desenvolvem a linguagem e a capacidade de representação simbólica. Podemos relacionar essa fase ao solo pedregoso na parábola, quando as sementes têm dificuldade em criar raízes devido à superficialidade do solo. Da mesma forma, é importante oferecer estímulos que permitam às crianças desenvolver habilidades simbólicas e cognitivas.

Já na fase das operações concretas (7-11 anos) as crianças adquirem a capacidade de realizar operações lógicas simples e compreendem conceitos, como conservação e reversibilidade. Essa fase pode ser associada ao solo bom na parábola, onde as sementes encontram condições favoráveis para crescer. Nesse sentido, é fundamental oferecer desafios cognitivos adequados para promover o desenvolvimento das habilidades lógicas.

Por fim, na fase das operações formais (a partir dos 11 anos) os indivíduos desenvolvem a capacidade de pensar de forma abstrata e hipotética. Essa fase pode ser relacionada ao solo espinhoso na parábola, onde as sementes competem com espinhos pelo espaço e nutrientes. Assim como no processo de aprendizagem, nessa fase é importante oferecer estímulos que incentivem o pensamento crítico e abstrato.

Ao relacionar o processo de semeadura nos diferentes tipos de solos com as fases evolutivas, segundo o PAG, portanto, destacamos a importância de adaptar as estratégias educacionais para atender às necessidades específicas de cada fase do desenvolvimento

humano, oferecendo estímulos e desafios adequados para promover uma aprendizagem significativa.

Esses são apenas alguns exemplos de referenciais teóricos que podem ser utilizados para fundamentar a relação entre a parábola do semeador e o processo de ensino-aprendizagem, demonstrando como as metáforas presentes na parábola podem ser aplicadas de forma significativa no contexto educacional.

#### **4 IMPLICAÇÕES CONCLUSIVAS**

A parábola do semeador fala sobre a importância do solo para que a semente possa germinar e se desenvolver. Podemos fazer uma relação com o processo ensino-aprendizagem ao considerar que o solo representa o ambiente educacional e o preparo do aluno para receber e compreender o conhecimento. Assim sendo, como o solo fértil é propício para o crescimento da planta? Podemos apontar o seguinte: um ambiente educacional estimulante e um aluno receptivo são essenciais para a educação.

A parábola também nos lembra da importância de semear em diferentes tipos de solo, ou seja, adaptar a abordagem pedagógica, adequando-a às necessidades individuais dos alunos. Na parábola do semeador o solo preparado representa tanto a receptividade do coração humano ao conhecimento quanto a disposição para compreender e aplicar o que é aprendido.

No contexto educacional pode ainda ser considerado que os principais responsáveis por preparar o solo para o desenvolvimento do conhecimento na vida do aluno são os educadores, a família e, até mesmo, o próprio aluno. De que forma? Os educadores desempenham um papel fundamental ao oferecer um ambiente estimulante, métodos de ensino eficazes e suporte individualizado. A família também influencia significativamente, ao fornecer suporte emocional e encorajamento. O próprio aluno tem responsabilidade em manter uma atitude aberta e receptiva ao aprendizado.

Na escola a colaboração de diversos agentes é essencial para preparar o “solo” educacional e promover o desenvolvimento pleno do conhecimento na vida do aluno, no entanto diversos fatores podem interferir no desenvolvimento da “semente” do conhecimento na vida do aluno, assim como o descrito na parábola.

A semente que cai à beira do caminho pode ser comparada à falta de interesse ou motivação do aluno, bem como à ausência de estímulo e suporte por parte dos educadores e da família. A falta de engajamento e a desvalorização do aprendizado podem levar o conhecimento a não ser absorvido adequadamente, assim como a semente que é pisada e não consegue germinar.

A semente lançada em diferentes tipos de terreno: os espinhos podem representar as distrações e influências negativas no ambiente do aluno, tais como problemas familiares, pressões sociais, vícios, entre outros. Esses fatores podem dificultar a concentração e o foco no aprendizado, impedindo o pleno desenvolvimento do conhecimento. As pedras podem simbolizar a falta de estrutura emocional e psicológica para lidar com os desafios do processo de aprendizagem. Problemas de autoestima, ansiedade ou dificuldades de relacionamento interpessoal podem atuar como “pedras” que impedem o desenvolvimento saudável do conhecimento na vida do aluno. A terra boa, que produz muitos frutos, representa a receptividade do aluno ao conhecimento, bem como a eficácia do processo de ensino-aprendizagem.

A parábola do semeador pode ser relacionada ao papel do professor, que enfrenta uma constante batalha contra a ignorância, a desinformação e o *déficit* educacional. Na narrativa, o semeador lança sementes, e o resultado da semeadura varia conforme o tipo de solo em que as sementes caem: algumas germinam e produzem frutos, enquanto outras não se desenvolvem devido a solos inadequados. Essa metáfora ilustra cientificamente o trabalho do professor, que também dissemina conhecimento e valores em ambientes com diferentes condições de “fertilidade” intelectual, emocional e social.

Na ciência da educação entende-se que o processo de ensino não é uniforme e depende de fatores individuais e contextuais. Como as sementes que caem em solos variados, o conhecimento e os valores transmitidos pelo professor enfrentam diferentes graus de receptividade e condições para germinar. Em um “solo fértil” – uma mente aberta e estimulada – o conhecimento tem maior probabilidade de crescer, pois o aluno está preparado para internalizar, analisar e aplicar o que aprende. Em um “solo pedregoso” ou em um “caminho endurecido” – onde a ignorância, as barreiras culturais ou as limitações de recursos educacionais impedem o aprendizado –, no entanto, o professor encontra um desafio ainda maior.

A ciência educacional e a psicologia do desenvolvimento mostram que, tal como o semeador, o professor precisa adequar suas abordagens para enfrentar esses diferentes “solos”. Ao utilizar métodos pedagógicos que promovem a compreensão ativa e o pensamento crítico, o professor busca romper a “superfície endurecida” da ignorância e criar condições mais favoráveis para o desenvolvimento intelectual. Estudos sobre neurociência e aprendizado sugerem que o estímulo contínuo e o reforço de habilidades cognitivas podem, de fato, modificar a receptividade e a plasticidade neural do aluno, tornando o “solo” mais apto ao desenvolvimento.

Ao enfrentar a ignorância e a falta de conhecimento, o professor atua, portanto, como um mediador entre o conhecimento científico e o contexto de cada aluno, trabalhando para que as “sementes” do saber superem as barreiras iniciais e possam florescer em frutos de pensamento crítico e consciência social. Mesmo quando os resultados parecem incertos, o papel do professor permanece essencial: ele acredita que, com persistência e aplicação de práticas pedagógicas fundamentadas, é possível transformar cada aluno em um “solo fértil”, em que o conhecimento e os valores éticos possam germinar e gerar impactos na sociedade.

Dessa forma, a parábola do semeador ilustra cientificamente a função do professor como aquele que enfrenta as adversidades da ignorância e da falta de educação com a esperança de que suas “sementes” possam germinar, criar raízes e transformar mentes e corações. Tal como o semeador, o professor continua a semear conhecimento, confiando no poder da educação para cultivar uma sociedade mais justa, informada e preparada para os desafios contemporâneos.

#### **REFERÊNCIAS:**

AUSUBEL, D. P.. **The Psychology of Meaningful Verbal Learning**. New York: Grune & Stratton, (1963).

**BÍBLIA. Bíblia de Jerusalém**. Tradução de M. Hoornaert et al. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2022. Mateus 13:1-9.

CHIAVENATO, I. **Comportamento organizacional: a dinâmica do sucesso das organizações**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

CYRULNIK, B. **Resiliência: como tirar leite de pedra**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GONÇALVES, José Ernesto Lima. Processo, que processo? **RAE - Revista de Administração de Empresas**, v. 40, n. 1, p. 8-19, 2000.

LÜCK, H. **Gestão educacional: uma questão paradigmática**. Petrópolis: Vozes, 2009.  
LUHMANN, Niklas. **O sistema da sociedade**. Tradução de Gustavo Bayer. São Paulo: Editora XYZ, 2002.

MOUTINHO, Sônia Oliveira Matos; COSTA, Dirno Vilanova da; LINHARES Danillo Moretti Godinho. **A curiosidade epistêmica em Paulo Freire**. São Leopoldo: Educação Unisinos, n. 28, 2024.

Olweus, D. **Bullying at school: What we know and what we can do**. Oxford: Blackwell, 1993.

PACKTER, L. **Filosofia clínica: propedêutica**. Porto Alegre: Instituto Packter, 2009.

PIAGET, J. **Biologia e conhecimento: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognitivos**. São Paulo: Editora Vozes, 1971. p. 29-45.

SKINNER, B. F. **Sobre o behaviorismo**. São Paulo: Cultrix, 1974.

RUTTER, M. Psychosocial resilience and protective mechanisms. **American Journal of Orthopsychiatry**, v. 57, n. 3, p. 316-331, 1987.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.